

PSICOLOGIA ANALÍTICA JUNGUIANA E A ARTE

Mariane Joana Soares², Prof.^a Andréa de Oliveira Olímpio³

Resumo: *Este trabalho descreve a arte como umas primeiras manifestações simbólicas do homem desde a antiguidade, presente em todos os grupos humanos. Na busca pelo sentido da vida, acredita-se que o ser humano tenha criado mitos, rituais, símbolos e imagens que representavam os fatos da vida cotidiana, uma expressão individual ou coletiva cultural que permeava o imaginário psíquico. Perpassa todos os tempos, podendo nos trazer informações do passado e anteceder informações do futuro. Buscando o entendimento da arte a partir da Psicologia Analítica Junguiana, podemos considerar a arte um processo que permite a manifestação da psique inconsciente criativa na produção de símbolos, que o artista dá à forma traduzindo na linguagem de seu tempo as imagens primordiais ou arquétipos.*

Palavras-chave: *Cultura, Inconsciente, Imagens, Símbolos*

Introdução

A arte presente na vida do homem desde a antiguidade surge da necessidade de dar significados aos elementos da vida como, por exemplo, a morte. A arte vem representando as manifestações simbólicas, fruto do indivíduo ou do coletivo na busca do sentido da vida. Sendo a arte um produto do homem que fala do seu tempo e de sua psique torna-se relevante seu estudo para a compreensão do homem em sua totalidade.

Segundo BOZZANO, et al.(2013) arte pode apresentar diferentes funções em cada sociedade. Ela pode contar histórias, educar, provocar reflexão; pode apresentar a realidade, ou criticá-la; ser manifestação dos sentimentos do

¹Trabalho elaborado para a disciplina Teorias e Técnicas Psicoterápicas V do Curso de Psicologia da Univiçosa;

²Graduanda em Psicologia – FACISA/UNIVIÇOSA. marianejoana12@hotmail.com

³Professora do Curso de Psicologia – FACISA/UNIVIÇOSA. andrea.olimpiodeoliveira@gmail.com

artista, do sonho, imaginação ou fervor religioso; e pode também não ter função alguma, bastando-se por si mesma. Existem muitas maneiras de explicar o que é arte, ou mesmo diferentes formas motivações que levam os artistas a fazerem o que fazem. Mas não é possível saber com precisão quando o ser humano começou a fazer o que hoje entendemos como arte. Esse é um dos muitos mistérios do passado da humanidade. Alguns vestígios materiais arqueológicos, no entanto, nos dão pistas de como nossos ancestrais viviam e quais eram suas motivações para criar. As manifestações artísticas mais antigas de que temos conhecimento hoje datam de aproximadamente 40 mil anos atrás, do período da pré-história chamado paleolítico superior. São chamadas de arte rupestre, palavra que faz referência às rochas, paredes das cavernas onde se encontra grande parte desses registros. Estudos de datação também indicam que, às vezes, numa mesma caverna, grupos humanos separados muito séculos uns dos outros deixaram seus registros. Acredita-se que o que motivou nossos ancestrais a criarem essas manifestações segundo BOZZANO, et al; 2013 na pré- história, ao tentar entender a vida, a morte, o mundo e os fenômenos da natureza, o ser humano tenha criado mitos e rituais para simbolizar sua existência e sua conexão com tudo o que estava a sua volta, visível ou invisível. As manifestações artísticas teriam se originado desses rituais. Deuses e divindades eram associados aos animais, á flora e aos fenômenos naturais, como a chuva, o sol, o trovão.

A existência humana provavelmente não era entendida como uma divisão entre realidade concreta e o mundo mágico, onírico e sobrenatural. Para nossos ancestrais, é possível que tudo estivesse conectado. A caverna, nas profundezas da terra, talvez fosse um local adequado para esses rituais, iluminados pela luz das fogueiras e tochas. Provavelmente procurando a comunicação entre si e com outras divindades, criaram formas às quais deram significados, símbolos que, acredita-se, eram entendidos pelos diferentes grupos humanos. Não sabemos exatamente o que simbolizavam; o que existem são hipóteses. Mas consideramos essas formas as mais antigas manifestações artísticas da humanidade. O que hoje chamamos de arte é uma manifestação comum entre todos os grupos humanos, mesmo que com outro nome (BOZZANO et al., 2013).

De acordo com ARANHA et al. (2013) “o papel da imaginação na arte, segundo Comte-Spoonville imaginar é representar imagens interiormente, inclusive e, sobretudo quando o que se representa está ausente” (apud COMTE-SPOONVILLE).

A imaginação vai servir de mediadora entre o vivido e o pensado, entre a presença bruta do objeto e a representação, entre a acolhida dada pelo corpo (os órgãos dos sentidos) e a ordenação do espírito (pensamento analógico). Enfatizando a imaginação criativa, de acordo com ARANHA et al. (2013) é a que não depende de termos a percepção prévia de algo, isto é, não tem por base o que existe concretamente. Esse tipo de imaginação é provocadora: incentiva-nos a ver o que não está lá: criamos amigos invisíveis, monstros terríveis, lugares paradisíacos. É desse tipo de imaginação que se serve o artista. A imaginação, ao tornar o mundo presente em imagens, nos faz pensar. Saltamos dessas imagens para outras semelhantes, fazendo uma síntese criativa. O mundo imaginário assim criado não é irreal. É, antes, pré-real, isto é, antecede o real porque aponta suas possibilidades em vez de fixá-lo numa forma cristalizada. Por isso, a imaginação alarga o campo do real percebido, preenchendo-o de outros sentidos.

A arte e criatividade, segundo ARANHA et al. (2013) criar, em sentido estrito é produzir algo a partir do nada. Como desde o nascimento estamos inseridos em um mundo humano, cultural, a criação humana é sempre uma produção nova e singular dentro de um contexto dado. Ela é diferente da descoberta, porque pressupõe a existência prévia de algo a ser descoberto ou revelado. Quando nos referimos à criatividade artística, portanto, estamos nos referindo a obras ou artistas que apresentam um novo modo de olhar-sentir-compreender os problemas de uma época. Toda obra de arte criativa oferece uma visão da realidade humana e, nesse sentido, ela é relevante e abrangente.

A arte e inspiração, inspiração é resultado de um processo de fusão de ideias, que acontece em nosso subconsciente. Diante de um problema ou uma situação qualquer, obtemos as informações consideradas fundamentais sobre o assunto. Nosso subconsciente passa, então, a lidar com esses dados, fazendo uma espécie de jogo associativo entre os vários elementos. A imaginação é ativada para propor todas as possibilidades, por mais inverossímeis

que sejam. Desse jogo subconsciente surgirão em nosso em nossa consciência sínteses e novas configurações dos dados sobre os quais trabalhará nosso intelecto, pesando-as, julgando-as e adequando-as ao problema ou á situação. Ao surgimento dessas sínteses em nossa consciência damos o nome de inspiração (ARANHA et al.,2013).

A arte e o sentimento, na experiência estética, a imaginação manifesta, ainda, o acordo entre a natureza e o sujeito, numa espécie de comunhão cuja via de acesso é o sentimento. O sentimento acolhe o objeto, reunindo as potencialidades do eu numa imagem singular. É toda nossa personalidade que está em jogo, e o sentimento de uma obra, mas de um mundo que se descortina em toda sua profundidade, no momento em que extraímos o objeto de seu contexto natural e o ligamos a um horizonte interior. Esse sentimento, portanto, “não é emoção, é conhecimento” (ARANHA et al.,2013).

O sentimento, por outro lado, é uma reação cognitiva, de reconhecimento de certas estruturas do mundo, cujos critérios não são explicitados. É percepção das tensões expressas pelos aspectos estáticos e dinâmicos das coisas e fenômenos, como forma, tamanho, tonalidade, altura. Essas tensões são tão perceptíveis quanto o espaço ou a quantidade. Podemos, então, dizer que o sentimento esclarece o que motiva a emoção, na medida em que causam agitação psicológica “(ARANHA et al.,2013).

Após essa breve exposição do que seria arte, buscarei algumas respostas que justifique a importância da arte como objeto de estudo para a psicologia, como um dos primeiros processos de manifestação simbólica do homem, enriquecedora na vida humana, para isso foi utilizado a Psicologia Analítica Junguiana.

Material e Métodos

Este estudo constituiu-se de uma revisão de literatura, uma narrativa que buscou uma análise da Arte sob o entendimento da Psicologia Analítica Junguiana, realizada entre dezembro de 2016 e março de 2017, no qual se realizou uma pesquisa em livros do Jung como o Segredo da Flor de Ouro de JUNG, C.G e WILHEIM, R (1984) e da Psicologia Analítica o Manual de Cambridge para estudos Junguianos de EISENDRATH, Polly Young, et al

(2002). Sobre a Arte utilizei os livros didáticos *Filosofando: introdução à filosofia* de ARANHA, M.L.A e MARTINS, M.H.P.M (2013) e *Arte em interação* de BOZZANO, Hugo.B, et al (2013).

Resultados e Discussão

Quando BOZZANO, et al.(2013) nos diz que “não é possível saber com precisão quando o ser humano começou a fazer o que hoje entendemos como arte. Esse é um dos muitos mistérios do passado da humanidade” Podemos pensar no inconsciente coletivo, que segundo JUNG, et al. (1984) a psique inconsciente, que é comum a toda humanidade, não consiste apenas de conteúdos aptos a se tornarem conscientes, mas predisposições latentes a reações idênticas. O inconsciente coletivo é a mera expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral, independentemente das diferenças raciais. Este fato explica à analogia e às vezes a identidade dos temas mitológicos e dos símbolos, sem falar na possibilidade da compreensão humana em geral. As diversas linhas de desenvolvimento anímico partem de uma base comum, cujas raízes mergulham no passado mais distante.

Segundo EISENDRATH, et al. (2002) O objetivo é um processo: encontrar um modo de se reconciliar com o inconsciente bem como de lidar com dificuldades futuras. Este processo consiste em manter um diálogo contínuo com o inconsciente que facilite a integração criativa da experiência psicológica. A arte pode ser esse processo de mediação entre o inconsciente e a experiência psicológica. As pinturas feitas nas paredes das cavernas, por vários povos em diferentes regiões do mundo, as imagens, e os símbolos que representavam na busca de sentido, seria o surgimento dos primeiros arquétipos que “são tanto padrões de comportamento de base biológica quantoas imagens simbólicas destes padrões. Como estruturas transpessoais, eles são “essências” transcendentais ou destilados quintessenciais de força e significado criativo, reveladas a nós nos símbolos” (EISENDRATH, et al.,2002).

Os arquétipos definem como nos relacionamos com o mundo: eles se manifestam como instintos e afetos, como as imagens e os símbolos primordiais dos sonhos e da mitologia e nos padrões de comportamento e experiên-

cia. Como elementos impessoais, coletivos e objetivos na psique, eles refletem questões universais e servem para preencher a lacuna sujeito/objeto (EISENDRATH, et al.,2002).

Conclusões

Podemos concluir que a arte desde os tempos primórdios é um recurso usado pelo homem para expressar suas manifestações simbólicas, mediar seu mundo interior com o exterior, expressar sua subjetividade. O processo que envolve e engrandece a arte com criatividade, imaginação, sentimentos e emoção levam o individuo ao desenvolvimento de sua personalidade. A arte leva o homem a se entender e ampliar seu universo, passando a ver o mundo e a si mesmo sob diferentes luzes. Ajuda a ter aguda percepção dos estímulos que vem dos nossos sentidos e a relacioná-los com conteúdos próprios como nossas lembranças, vivências pessoais e informações que já temos com o mundo em vivemos. A arte é uma ocasião de prazer porque nos oferece a compreensão profunda do mundo e de nós mesmos.

Referências Bibliográficas

ARANHA, M.LA; MARTINS, M.H.P. Filosofando: introdução à filosofia.5.ed. São Paulo: Moderna,2013.p.345-351.

BOZZANO, H.B, et al. Arte em interação.1.ed. São Paulo: Ibep,2013.p.11-15.

EISENDRATH, P.Y. et al. Manual de Cambridge para estudos Junguianos. Porto Alegre: Artmed, 2002.p.75-76.

JUNG, C.G; WILHELM, R. O segredo da flor de ouro.2.ed.Petrópolis: Vozes, 1984.p.21.